

O último dos gabinetes

Numa das menores unidades da Procuradoria-Geral Federal (PGF/AGU), onde três Procuradores Federais estavam em exercício, as “desavenças” entre o chefe da unidade e um dos colegas eram constantes. Tudo, rigorosamente tudo, era motivo para uma rusga ou uma “troca de gentilezas”.

Feita uma pequena reforma na sede do imóvel que abrigava a unidade da PGF, o desafeto do dirigente do órgão visualizou uma oportunidade de ouro para demonstrar a perseguição de que era vítima.

Sandro Torres, o colega que alegava a perseguição, oficiou ao Procurador-Geral Federal demonstrando de forma cabal e incontestada a discriminação vil e baixa de que foi vítima em função da conduta do chefe da unidade. Disse o “perseguido” que foi alojado no último dos gabinetes de trabalho da unidade, tendo sido preterido em função de outro colega da unidade, acólito do chefe, ter recebido o primeiro dos gabinetes. Vale frisar que os dois gabinetes, num corredor do pequeno prédio da repartição, tinham suas portas de entrada distantes uma da outra por espaço não superior a quatro metros.

O mais pitoresco desse episódio foi a resposta dada pelo dirigente da unidade ao pedido de esclarecimentos vindo de Brasília. Disse Bernardo Bentes, o chefe, que olhando daqui pra lá, o gabinete de Sandro Torres era o último. Entretanto, olhando de lá pra cá, o gabinete do irrisignado servidor era o primeiro. Assim, como diria Einstein, tudo é relativo.